

JUSTICA DE GUIMARAES

Orgão social e defensor das classes trabalhadoras

Publica-se aos domingos

PREÇO DA ASSIGNATURA

Pagamento adiantado

Portugal, ilhas e colônias, por anno	750
União postal	25000
Número avulso	40

EDITOR — JOSE M. D'OLIVEIRA JUNIOR

Redacção e adm. R. da Rainha, 136

TYPGRAPHIA E IMPRESSÃO, RUA DE D. LUIZ I, 27.

ANNÚCIOS E COMMUNICADOS

Por liha	30
Repetições	20
Annúcios permanentes, contracto especial.	

ADMINISTRADOR Mathias Duarte de Macedo.

Sem pão e sem trabalho

Vai por todo o paiz um enorme clamor d'almas votadas ao infotunio.

Nos miserios casebres operarios ouvem-se soluços, ais comprimidos, palavras entre cortadas pela angustia e pelo sofrimento.

Há milhares de braços sem trabalho e muitas bocas sem pão.

Do Sul ao Norte não se ouve senão bradar: não temos trabalho e temos fome!

Mas este estreblho maldito não encomoda os senhores da governança que entretidos nas festas e regabofes aos reaes veajantes não se lembrão que por esse paiz fóra campeia a fome com todo o seu cortejo negro de misérias.

Não se explica este criminoso indiferentismo com que os governos encaram este estado de coisas insupportavel, nem tam-pouco o condenável, desleixo das auctoridades locaes que conhecendo de perto as difficultades da vida dos povos não se apressam em providenciar.

Se falta o trabalho e não ha pão só os governos são d'issos os cauzadores pois não somos nós tão myopes que não vejamos que a falta de trabalho, deriva da falta de protecção á industria nacional em quanto que para o estrangeiro existe um favoritismo escandaloso despensado pelo estado.

Não vemos nós tambem que se o pão falta nos mercados se deve a esses miseraveis assambarcadores, lacraus venenosos, sem alma e sem coração que não semtem um fremito de compaixão pelas desgraças alheias e que são elles que promovem estas crises co'n o fim de engrossar mais os seus capitaes, e

que se lhes importam a elles que nada lhes falta, que nos tugurios dos proletarios haja seluços, gemidos e imprecões, que a morte esvoace continuamente, pondo na atmosphera de leteria arrepios de terror? Não tem elles os puras itas a sua mesa farta?

Ha fome é certo, e essa fome negra e horripilante vai-se estendendo paiz em fóra como uma nodoa de azete cahido em panno. Já não são só os tecelões do Porto que do fundo das suas mansardas gritam com fome, ouve-se já um clamor inf'rene dos povos de Castello de Vide, de Guimaraes, de Abranches e de outras terras mais.

E querem saber o que fazem aquelles que tem por estrita obrigaçao olhar por este estado de coisas? O chefe de estado tem andado em passatea pelo estrangeiro e agora ao abrir a sessão legislativa vem dizer:

«A crise, que vai atravesando a agricultura, tem preoccupied seriamente o governo, que, para attender ás suas justas reclamações, publicou diversos decretos que devem produzir importantes beneficios.»

Mentira! o governo tem-se preocupado mais com as festas do que com a crise porque está passando a agricultura.

E dizem que os trabalhadores são revolucionarios! Não. O povo não é revolucionario, é covarde quando de braços cruzados deixa morrer os seus filhos de fome sabendo que alli nos armazens dos argentarios o milho apodrece em montões; é covarde, sim, porque gema sob o peso tremendo e esmagador dos impostos, das injustiças, das tyrrannias da miseria alfim, mas não protesta!

Sofre tudo com resignação!

E' que na sua ignorancia imagina que o sofrimento é

uma das condições da salvação imposta por Deus aos homens.

Mas visto que não ha para quem appellar o povo deve appeliar para si proprio.

Da união nasce a força e a obra dos trabalhadores ha de ser obra dos mesmos trabalhadores como disse Karl Marx.

Se ha fome, a fome não tem lei.

M. S. G.

Cão damnado!!!

Resposta a um redondo

Examinando o producto da raiva canina de um energumeno qualquer, acudiu-me á mente, as considerações que seguem. Não era assim que se devia responder, mas a circunstancia de o sendeiro se ter occultado na sombra infamante do anonimato a isso nos obriga. Se as cousas se tivessem feito a peito descoberto, a resposta seria outra muito diferente d'esta e digna do «morcego carola».

Na matilha da «circunferencia», os odios á ideia sã, são torrentes de lama a vomitar insultos podres.

Alli, como não ha a humildade sufficiente para affirmar uma ideia, recorre-se a meios sujos, em tudignos do credo que defendem. A lucidez d'espirito d'esses miseraveis *papa-hostias*, cegos pela panacea de uma crença ridicula, deixa muito a desejar, porque quem quer atacar uma opinião contraria á sua, não recorre á sombra para o fazer, como elles; mostra-se sim á luz plena da discussão e diz o que pensa, refuta as opiniões dos seus contrarios e sustenta as suas com o brio de um homem que se julga e crê convicto do que affirma,

Mas, como haveis de vós proceder assim, oh miserios poltronas, curujas immundas

de sachristia, mochos repelentes a segregar infamia; como haveis de proceder assim, se toda a vossa obra é treva, se todos os vosos actos são immundicie ascorosa a fazer nojo a todos os homens que se prezam?

Como vos haveis de mostrar á luz, se viveis na treva, se o vosso espirito é mais escurio que a noite e as vossas consciencias mais torpes que a lama???

Ah! nojentos traficantes do catholicismo, vós não podeis nunca defrontar-vos com a luz que irradia da nossa ideia, porque ella vos cegaria; e por isso recorrei á sombra, atacaes no escuro, como bandidos como chacaes!

* * *

Maximo Gorki, o grande, o inconfundivel luminar da ideia, é para os ultramontanos, oppressores da humanidade que trabalha, um azotague e um pesadelo.

Não nos admira, pois, que o redondo, o alcunhasse com o rubriquet, que só a elle, «redondo», pertence.

Os escriptores que, como Gorki, stigmatizam o egoísmo, e combatem a infamia, não podem de forma alguma, ser bem visto pela cífila clerical, porque ella, egoista como é não tolera, que haja um espirito superior que ataque os seus crimes, as suas villanias as suas infamias.

Não toleram, que haja um homem, cujo espirito se devote aos humildes; porque todas as suas aspirações se resumem em vaidosas grandezas em manifesta contradicção com as doutrinas simples e boas do meigo amigo das creancinhas e dos humildes, Jesus, o evangelisador da justiça.

Gorki, escrevendo os *Vagabun los*, é maior, mais alto, soberanamente mais destacavel, que todos os escorropichagalhetas; d'esde o mais humil-

de menino do côro a ganhar latim que não entende, até ao papa, fulminando anathemas e a amontoar thesouros como um avaro rapace!

Jesus, se estivesse hoje na terra, escolheria Gorki para seu dilecto discípulo; e aos deturpadores infames da sua palavra, expulsal-os-hia com mais intensa colera, do que quando expulsou os vendilhões do templo.

Gorki, ao lado dos humildes, é a imagem fiel do Evangelho; vós, miseraveis mesquinhos, inimigos de toda a luz, a babujar os pés aos poderosos, sois a imagem e a personificação da abjeção mais hedionda.

Oh! divino Gorki, na altura em que estás, não te pode attingir, a baba pestilencial de um ebrio, assalariado talvez por meia duzia de sicarios.

A' immensidate luminosa da tua bella alma não podem chegar os latidos de rafeiros, que mordem, protegidos pela treva!

Tu és e serás, para os humildes, o pontifice-maximo da religião de luz e amor que nós professamos! Tu és o sol da ideia e a tua memoria ficará, purissima, ao lado das dos maiores bemfeiteiros da humanidade!

Podem, os carólas, jesuitas de casaca, abocanhar-te o nome, que para a tua defesa tens a tua obra, mais sublime que a de todos elles.

* * *

Dito isto, resta-nos apenas dizer ao immundo sacrifanta que babujou o numero do nosso jornal, que afie mais os dentes caninos, pois que temos as canellas sufficientemente resguardadas contra as suas raivosas investidas.

Ou, para melhor, alguém que applique por ahí alguns bolos de strichnina, porque não pode qualquer cidadão

Justiça de Guimarães

estar sujeito ás investidas de qualquer mastim que appareça no recanto d'alguma rua, sem ser esperado.

Senhores, tenham piedade, ponham-nos os fundilhos a salvo de tais feras!

Serrano.

Carta do Porto

LÁ ECÁ

Por toda a parte o publico se acha indignado com o procedimento indigno e selvagem da polícia.

Em Guimarães, como em Braga, no Porto como em Lisboa a polícia é sempre a mesma, corrupta e sanguinária, barbara e selvagem.

A ilustração e a boa criadez passou por ella como gato pôr braças.

Educação é causa que aquela gente não conhece.

Para aquella corporação também já se não escolhe gente Educação; o que se quer é homens de mals instintos, lobos de matus fígados e nadis mais.

Enquanto que em Guimarães, um cachorro com o n.º 8 atinge um pobre homem; e no Porto os rafeiros de olhos de fogo, entram já noite no Aljube auxiliados pela Guarda Municipal, aquelles de bergalho em punho, e estes de chanfallo desembainhado e desatam à pancadaria nos desgraçados até que alguns tiveram de dar entrada no hospital em perigo de vida!

E é para sustentar uma mandaragem de tal ordem que o povo pinga? Ah! O povo tem que se lutar e meter na ordem esses bárbaros que assim que se apoderaram de chanfallo ia sintir imigração trazer o rei na bariga, ou então teremos que nos armar e responder-lhas á letra.

UNIÃO OPERARIA 1.º DE MAIO

Reuninhontem à noite a comissão executiva da União 1.º de Maio, sob a presidência do sr. José da Cunha Junior, secretariado pelos srs. Vítor Moreira e Francisco da Rocha.

Em seguida foram nomeados para scenario d'esa collectividade o sr. José Moreira; para thesoureiro o sr. Eugénio Alvarez; e para relator o sr. Francisco da Rocha.

Entrando-se nos trabalhos referentes a manifestação do 1.º de Maio no corrente anno a seguinte proposta:

1.º—Que a classe trabalhadora considere o dia 1.º de maio, como um dia de revindicações operárias, e portanto convida o povo trabalhador a considerar este dia de «grève» geral;

2.º—Que se oficie à União dos empregados do comércio, no sentido de acompanhar os seus companheiros do trabalho nas reclamações a fazer neste dia a João Sertório.

Depois tratou-se da organização do programma da manifestação, sendo apresentado pelo

sr. Sertório. Foi aprovado depois d'alguma discussão. E o seguinte:

Haverá sessões solenes ás 8 horas da manhã em todas as agrupações operárias, associações de classe, centros socialistas, cooperativas, sociedades musicais, de instrução e recreio. Às 11 horas da manhã visita aos cemitérios; e às 3 horas da tarde reunião de todo o povo trabalhador na praça de D. Pedro, para seguir para a Serra do Pilar onde se realizará um comício dos trabalhadores do Porto e Gaia.

A noite sessão solene n'un salão que será indicado para a qual serão convidados todos os oradores do movimento operário.

Este programma vai ser apresentado no proximo sábado, para os delegados o discutirem.

Foi também resolvido oficialmente a comissão encarregada de mandar fazer o monumento a Viterbo de Campos, para no dia 10 de maio ser collocada a primeira pedra.

A COLUMNA DE VENDOME

Na quarta-feira 12 do corrente fez 34 annos que a comununa de Paris manda destruir a Coluna de Vendome considerando-a um monumento de barbaridade, um símbolo de força brutal e de fúria, uma afirmação do militarismo, uma negação do direito internacional, um insulto perpétuo aos vencelhos, um atentado perpetuo à fraternidade humana em 1871.

Porto, 12-4-905.

M. da Silva Guimarães

Picadellas

• Mais nova, bem aplicada. «Venha cá o seu mestre!»

• «Vê aquela cosa que é lá ali por cima do portão?

— «Pois bem; o meu filho disse-me que era o escudo da magistratura, e eu só queria que na minha Associação haja um...»

— «Pode-o ser quem quizer, mas é que não quer, porque tem que ser o escudo da magistratura...»

— «Muito bem, vamos lá agora a um barbeiro e lá o rapa a juntar tanto rapante, como o rapava bento quando era mestre...»

— «Quando tinha uma loja ali no Toural, ... mas, agora vivo em casa...»

— «O pedreiro cumpe a ordem...»

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

• • • • •

A nossa polícia--O povo freme de indignação--Consta o ministro do reino não referendar a licença para o processo-Lampreias compensando favores!-Valente escovadella-Uma carta importante-Declarações do Magalhães

Não nos parece rasoável que se extinga de todo a honra e a fé, a lealdade e o brio no meio d'uma relaxação geral em que o que deveria ser sério e respeitável se afunda e desaparece entre o mormurio das consciências puras e inflexíveis.

Vamos de mal a pior.

A populaçā freme de indignação contra isso que para ali se vê e afia o ânimo para uma mostra da sua altivez, resolvida a disperar gallardamente os seus fôros e franquias, vingando uma causa justa em nome da civilização e do direito. Entretanto a geita do sabre, do cacoete e do chicote rejubila, porque diz ter a protecção do alto para fortificar a sua audácia, e que o ministro do reino não referenda a ordem para o prosseguimento do processo contra o guarda-agressor instado no tribunal judicial desti comarca, porque grandes pedidos já foram feitos, n'este sentido, à repartição competente. A nós custa-nos acreditar, porque isso seria a maior prova que o governo poderá fazer passar à instituição mais séria e respeitável que temos em Portugal—A Justiça!

Mas esta gente é capaz de tudo. A realidade está latente e não tardará a manifestar-se então teñerosa a pedido de alguns nobres que tu lhe mandou.

Para compensar já favores altíssimos, dizem-nos que algumas lampreias foram oferecidas, e duas d'ellas para pagar o silêncio que desinguiu um collega no jornalismo sobre o caso que vimos tratando.

Isto é do domínio público.

E assim se affirma a pureza de caracteres e a nobreza de sentimentos!

Bravo!

O desgosto e o ódio é geral e vai dando provas do que deixamos escrito no segundo período d'esta noticia. Na manhã de segunda-feira o guarda n.º 8, agressor sem motivo justificado do pobre Magalhães, levou uma valente «escovadella», ali para a Porta da Villa, tão forte e tão valente que até lhe rasgou a farda! E que o povo compreende que a impunidade criminosa que para ali se apregoa do horíco polici, pode ser insensível para maiores desvarios, que urge reprimir e assim vai fazendo a justiça que se pretende ou vai negar...

A polícia precisa d'uma reforma radical. Isto não de util nos oferece; apenas os 3.000.000 reis que nos leva annualmente que outra aplicação poderiam ter mais plausível e mais consentânea. O proprio commercio, que é o maior contribuinte para o cofre municipal, corroborá esta nossa assertão.

Veja-se em seguida a carta que o snr. Gervasio António Pinto escreveu ao chefe de polícia por causa d'uns crimes de roubo que na polícia morreram de «abafarote»:

Amigo e snr. Oliveira

Tenho-o aqui procurado por diversas vezes não o encontrando, e visto o silêncio respeitante à participação que aí dei, é motivo de entender que nenhuma importância se lhe ligou, e mais prova o ter-se da-

do o espetáculo que me disseram na repartição da administração.

En casta me dizel-o mas é o que sinto e o que corre de boca em boca: é que realmente a nossa polícia de nada serve, o que é realmente enustoso o que se dá commigo, pois fui abi por causa d'um homem que vendeu um serrão que não podia vender, não houve, que eu saiba, solução boa.

Vamos de mal a pior.

Agora por causa de desconfiança do roubo das sediaturas, é o que se vê, indicando eu o caminho direito.

Este serviço é facilmente padecido de fazer um guarda qualquer, e por isso preciso saber se sim ou não tem andamento, pois não desejava levar isto por outro caminho. No caso de lhe não dar seguimento peço o obsequio de me devolver a participação que aí deixei.

De V. S.º Alt.º etc,
Gervasio António Pinto

Palavras loucas, ouvidos moncos, foi também a resposta que o snr. Gervasio teve à sua carta.

Estão mais em nosso poder documentos que provam a iniquidade da polícia, escritos por cavalheiros de certa respeitabilidade, e n'um dos quais se pede a sua completa extinção à câmara municipal, por meio d'uma petição assinada pela maioria dos municípios.

No proximo numero traremos do assumpto como merece, terminando hoje com as

Declarções do Magalhães

Quando entramos na enfermaria do hospital da Misericórdia, onde o Magalhães estava em tratamento, ouvimos o conhecido soldado reformado que teve o numero de companhia 21, quando no efectivo do regimento de infantaria 20. A este nos dirigimos, perguntando-lhe pelo Magalhães, que nos indicou ser um rapaz que estava sentado na segunda cama, do lado direito. O Magalhães levantou-se e depois de ouvir as nossas intenções, declarou-nos o que vai lhe ser:

«Olhe, snr., eu sahi no sabbado á noite, para Basto, com uma carga de 7 caixas de sardinha escorchedada, que levava na carroça, destinada ao snr. Jerónimo Torquato Ribeiro d' aquela localidade, regressando a esta cidade no domingo, pelas quatro e meia horas da tarde. Na minha frete segnia uma outra carroça do snr. Fortunato Macieira, da rua de D. João, passando ento, na questão d'uma passagem pelo Largo de Franco Castello Branco, a menina atropelada pelo espaço que dividiam as duas carroças.

A muito custo consegui fazer sustar a marcha aos machos e a menina caiu sem consequencias de maior.

Ouvei uma voz que pedia socorro em seguida onta do pau da Adelina «parece-me que é este o nome» que mandava seguir em paz o meu destino. Quando eu ia já a abalada um polici, o n.º 9, informou-me a parar; logo apareceu um ontro á prizaria que sem mais para quê me batou com um pau...

—Mas voce nem sabia que esse homem era polici?

—Não, senhor. Disse-m'o depois o n.º 9. Levaram-me preso para a esquadra e aí é que elle me batiu violentemente...

—Quem:

—O que estava á paisana que sei hoje ter o n.º 8. Quando eu subia as escadas da polici esse mesmo guarda den-me muitas postoadas no corpo com o cano do revolver. Como eu gritasse, para que o povo que estava fora me ouvisse, mettendo-me no «segredo» e aí saltaram sobre mim a pé junto...

—Então deitaram-no ao chão?

—Não, senhor, atiraram commigo para cima da cama. Como eu estava cheio de sangue, que corria do ferimento da cabeça, levaram-me á força de pontapés para o quintal onde me meteram a cabeça debaixo do jorro da bomba. O guarda n.º 13 disse para os seus companheiros, em face d'esta barbaridade: «Isso não se faz!»

Como os pontapés continuassam sempre, e eu já não podesse sofrer mais, gritei por socorro. Foi a esta occasião que os moradores dos predios do lado da Praça de S. Thiago, romperam em grande gritaria contra a polícia. A um ouviu dizer: «Tire-lhe a pelle, matand'os, e mandae-n'io cá para o forno!»

Como a gritaria augmentasse cada vez mais, o chefe mudou-me recolher de novo á prisão, onde muitos depois me apareceram para tentar deitá-lo para o forno.

—Tem mais ferimentos no corpo?

—Teatro n'ha estoqua n'um quadril.

—Quem foi que lha deu?

—Foi um dos guardas.

—Não sabe dizer qual?

—Não, senhor, porque eram muitos a agarrar-me e a bater-me.

—E que se passou mais na prisão?

—Entrou depois o 8, pedindo-me o nome, escrevendo-o num papel. Quando saíá á porta voltou-se para me dizer: «Vin, seu maroto como levou pancada e ainda d'aquei marcha para a cadeia!»

—Era o que faltava!

—Minutos depois mandaram-me para casa, mas em espécie prisão, para que o povo não visse o meu estado.

—Tudo tinha vergonha?

—Muito, porque n'ha me deixei desfazer.

—E depois que se prisou mais?

—No dia seguinte apresentei-me na administração para apresentar a minha queixa contra a polícia.

—Com quem falou?

—Com o snr. administrador.

—Que respu ta lhe den?

—Que muito livor me tinha feito em me ter soltrado.

—Mas ento elle está mal informado?

—Não sei. O chefe também me disse que deu a mim crédito ao que fizera um policiado que ao que lhe fossem dizer os populares!

—E singular!

—Qual é o seu medico assistente?

—O snr. dr. Meira.

—Têm tido visitas?

—Apenas a do senhor que muito agradeço e a dum empregado do snr. juiz.

—Vejam de visita ou em serviço?

—Veo perguntar-me o nome.

—Nesse caso é certo leve a participação do facto criminoso, para o tribunal?

—E'sim senhor.

—Melhor. Confie, pois, na justiça que é a única coisa que felizmente em Portugal ainda não está corrompida.

—Deu-lhe o nome todo?

—Dei, sim senhor: Francisco Magalhães.

—E casado?

—Sim, senhor, com Rita Leito.

—In que tempos está em Guimarães?

—In seis meses, em casa do snr. Domingos Viegas.

—Sento doras no corpo?

—Muitas mal posso estar deitado.

—Nisto uma irmã hospitaliera agita uma campanha para que as visitas saiam, ao que nós obedecemos, retirando-as em seguida.

Notas

Devido á empenho que ferveu, o snr. Domingos Viegas, desistiu de ser parte no processo.

* * *

No hospital já deram alta ao Magalhães.

* * *

No proximo numero vamos

relatar mais factos sensacionais.

* * *

Ouvite

Gremio Liberal Artístico de Guimarães

A comissão nomeia em assembleia geral de 4 de fevereiro do corrente anno tenho de apresentar os trabalhos de que foi encarregada na mesma assembleia, convita todos os sócios do mesmo Gremio a reunirem em assembleia geral hoje pelas 4 horas da tarde na sede do mesmo afim de lhes serem apresentados os trabalhos que á mesma comissão foram encarregados.

Guimarães, 3 de Abril de 1905.
O Secretario da comissão

Francisco Xavier da Carvalho.

A GRANDE CRISE—PROVIDENCIAS ASSERTADAS

Para attenuar a grande crise porque estio, passando as classes operarias, no nosso concelho, e de que demos uma pequena noticia no nosso numero de domingo, o snr. governador civil de Braga pediu ao snr. ministro das obras publicas a abertura de trabalhos em todo o distrito. Consta-nos que para este fim se vão ordenar reparações nalgumas estradas do nosso concelho.

O snr. administrador também telegraphou ao governo pedindo para que o nosso mercado seja abastecido de milho barato, ao que o governo respondeu que já tinha levado à assinatura o decreto relativo à importação no continente de cereais das ilhas. Vão assim dar entrada 1.500.000 kilogrammas de milho e 800.000 de trigo de Ponta Delgada e 35.000 kilogrammas de milho de Angra.

E' nos dias 26 e 27 do corrente que os vimaranenses verão pela primeira vez n'esta cidade os dramas de sensação, «O Grande Industrial», do escritor J. Ouheit, e «O Coxo do Bairro Alto» do snr. Eduardo Coelho.

A assignatura está muito

adeantada, na Tabacaria Hananeza.

A «Justiça de Guimarães» está à venda no Kiosque do sr. João Pereira dos Santos, vulgo o Charuto. Praça D. Affonso Henriques.

THEATROS

Hoje variado spectaculo, pela companhia Zarzuella hespanhola, no Salão Artístico.

*

A companhia de Zarzuella hespanhola que no theatro D. Affonso Henriques deu dois spectaculos, acha-se desprovista de protecção e de recursos para a sua subsistencia. Attendendo a tanta infelicidade, o nosso collega o snr. José Ferreira, conseguiu arranjar-lhes alguns donativos na importancia de 6.5700 reis, como consta do recibo que em seguida publicamos:

Recibimos 6.5700 reis del sr. José Ferreira producto de una suscripción para los artistas españoles.

D. Pedro Cheverria e D. Antonio Campomor.

*

O grande barracão para a Companhia Lisbonense, em construcção na Praça de D. Affonso Henriques, está em via de conclusão.

CONCURSO

Está aberto concurso para provimento dos lugares de zelador municipal da povoação das Caldas de Vizela, com vencimento de 200 reis diários e de cantoneiro das estradas municipais de Guimarães, o mesmo vencimento.

ANNUNCIOS

Nova Serrelharia Civil e Mechanica

—DE—

ANTONIO DA SILVA

Nesta nova officina, ha pouco estabelecida na Praça de S. Thiago, faz-se toda e qualquer obra de serralheria a preços de excessiva modicidade.

Vér para crer.

Casa

Vende-se uma de trez andares e agua farta la sita no Largo do Trovador n.º 15 e 16.

Trata-se na mesma.

COMPANHIA DOS BANHOS DE VIZELA

Esta Companhia teve de rendimento, no anno findo, 14.546.5960 reis.

O numero de banhos, no mesmo anno, foi de 78.515.

SERRALHERIA CIVIL E MECHANICA

—DE—

DOMINGOS VILLA NOVA GUIMARÃES

84—RUA DE SANTO ANTONIO—88

GUIMARÃES

—=(*)—

Encarrega-se de toda a obra de ferro fundido e forjado, assim como noras para poços de melhor sistema de canecos, bombas de picote e pressão, fusos para lagares e empresas Mavis. Fogões para carvão e lenha sistema aperfeiçoado, ferragens para a construção civil, grades fundidas e forjadas e portões, o qual para isso tem um completo mappa de desenhos no qual o freguez pôde escolher. Assim como faz toda a obra de ramadas, as quais vende a 55 reis o kilo. Cofres à prova de fogo, camas, bidés, lavatórios, colchões e encanações para água, etc.

Preços sem competencia.

A' loja
do preto

DA VIUVA DE

Arthur Joaquim Rebello

Rua de S. Damaso

(ESQUINA DO CAMPO DA FEIRA)

GUIMARÃES



Acreditado estabelecimento de mercearia com variado sortido de géneros alimentícios de 1ª qualidade.

Especialidade nos puros e saborosos cafés MOKA e S. THOME; aquelle ao preço de 850 reis, e este para 700 reis, cada kilo, moido à vista do freguez, e em machinhas especialmente adquiridas para tal fim.

Estes saborosos cafés por moer, terão o abatimento de 20 reis em kilo.

A' loja do preto

AGUARDENTE DE VINHO

Vende-se na mercearia

FREITAS

à Porta da Villa

Guimarães

THYPOGRAPHIA DA Justiça de Guimarães

Rua de D. Luiz I, 27

GUIMARÃES

Officina de carpinteria

Obras rápidas e grande depósito de madeiras

DE

Ignacio José de Sá

79—RUA DAS LAMELLAS—81

GUIMARÃES

O proprietário d'esta acreditada officina encarrega-se, com seriedade, tanto a jornal como a contracto, de executar rapidamente toda a obra do seu mister, por preços modissíssimos, com madeiras já preparadas, bem como soálho, fórros, portas, e caixilhos de diversas formas e fritios.

Vende madeiras de todas as qualidades por junto e a retalho, tais como: castanho, pinho-pitch-pine (Riga) e da terra, vigas e pranchões de riga etc.

O proprietário d'esta officina pede aos seus Ex.ºs fregueses que quando quizerem orçamentos se encarregue de os levantar gratuitamente, tanto na cidade como fóra.

Tem também grande quantidade de taboas de surrador e barreiros de primeira qualidade.

Construção de charretes e venda das mesmas.

Os Ex.ºs fregueses que precisem de algum oficial de carpintaria a qualquer hora do dia, está à disposição, garantindo a perfeição do trabalho.

Estabelecimento de ferragens e pregagens com Filial no PEVIDEM

Ourivezaria e Relojoaria

DE

Alberto Cezar

Transacções e concertos em ouro, prata e relógios. Especialidade em artigos de novidade nacionais e estrangeiros

93 — RUA DA RAINHA — 95

GUIMARÃES

Atelier Photographico

Isoé dos Santos Carvalho

OPERA-SE TODOS OS DIAS E COM TODO O TEMPO.

DESDE AS 9 HORAS DA MANHÃ ATÉ ÀS 5 DA TARDE

Conservam-se os clyxés para repetições

Rua de Santo António — GUIMARÃES

OFFICINA DE RELOJOARIA

—DE

MATHIAS DUARTE DE MACEÐO ***

RUA DA RAINHA, N.º 136

GUIMARÃES

Encarrega-se de todos os concertos concernentes

á sua arte

Alvaro Pinto de Figueiredo
Nesta officina faz-se toda a obra pertencente á sua arte, assim como encanamentos de chumbo, de cobre e cano de ferro galvanizado. Encasquilha a metal branco ou amarelo toda a ferragem pertencente a trens. Preços modestos Trabalhos garantidos.
RUA DE CAMÕES 8 12.

GUIMARÃES